

## Lendo mulheres do século XIX em Fortaleza: relato de experiência com um clube de leitura

### Reading 19th century women in Fortaleza: the book club experience

Laísa Marra<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas

Dayne Kelly R. S. de Almeida<sup>2</sup>

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

Pamela M. de Lima Gomes<sup>3</sup>

Faculdade Christus

Francisca Alana de O. Silva<sup>4</sup>

Universidade Estadual do Ceará

#### Resumo

O texto discute a trajetória de um clube de leitura durante o intervalo que vai de maio de 2023 a maio de 2024. Elaborado e colocado em prática como um projeto de extensão da Faculdade de Letras da Universidade Estadual do Ceará, em Fortaleza, o clube intitula-se *Leia Mulheres: Século XIX*. Como o título indica, a iniciativa vincula-se organicamente aos vários clubes de leitura especializados em produções de mulheres, porém focando-se em escritoras e obras literárias do século XIX. Neste texto, apresentam-se criticamente os dados que envolveram essa experiência: os objetivos do grupo, o *corpus* lido, a metodologia dos encontros, a percepção geral dos participantes diante de cada uma das obras discutidas, e os obstáculos encontrados pelas organizadoras. Ao fim, elabora-se uma conclusão desse percurso em termos de sua relevância social e literária.

**Palavras-chave:** Clube de leitura. Leia Mulheres. Literatura. Extensão.

#### Abstract

The text discusses the trajectory of a book club during the period that goes from May 2023 to May 2025. Prepared and put into practice as an extension project of the Faculty of Letters at the State University of Ceará, in Fortaleza, the club is titled *Reading Women: 19th Century*. As the title indicates, the initiative is organically linked to the various reading clubs specialized in productions by women, but focusing on writers and literary works from the 19th century. In this text, the data surrounding this experience is critically presented: the group's objectives,

---

<sup>1</sup> Pesquisadora de pós-doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, doutora em Estudos Literários pela UFMG, membro do NEIA – Núcleo de Estudos da Alteridade/UFMG. [laisamarra@gmail.com](mailto:laisamarra@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8609-3401>

<sup>2</sup> Professora efetiva de Língua Portuguesa (Secretaria Municipal de Educação, Fortaleza), mestra em Linguística Aplicada PPG-LA, UECE. [daynekellyalmeida@gmail.com](mailto:daynekellyalmeida@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6253-6255>

<sup>3</sup> Revisora de textos na Faculdade Christus. Graduada em Letras/Português pela UECE. [Pamela.mlgomes@gmail.com](mailto:Pamela.mlgomes@gmail.com) <https://orcid.org/0009-0002-9566-1495>

<sup>4</sup> Graduanda (Letras/Português) na UECE. Técnica em Tradução e Interpretação de Libras. [francisca.alana@aluno.uece.br](mailto:francisca.alana@aluno.uece.br) Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1132-2908>

the corpus read, the methodology of the meetings, the participants' general perception of each of the works discussed, and the obstacles encountered by the organizers. At the end, a conclusion of this journey is drawn up in terms of its social and literary relevance.

**Keywords:** Book club. Reading women. Literature. Extension.

## Introdução

O clube de leitura *Leia Mulheres: Século XIX*, objeto deste texto, foi criado em fevereiro de 2023 e institucionalizado em abril do mesmo ano na Faculdade de Letras da Universidade Estadual do Ceará como um projeto de extensão sob minha coordenação<sup>5</sup>. Enquanto esperava a institucionalização do projeto, convidei estudantes da referida faculdade para discutirem o *corpus*, os objetivos e métodos que guiariam, a partir dali, os encontros do grupo. Participaram como voluntárias as alunas Francisca Alana de Oliveira Silva, Anna Beatriz Soares Ribeiro, Pamela Maria de Lima Gomes e Suel Silva, estudantes de graduação do curso de Letras, e, posteriormente, juntou-se ao grupo Liana do Nascimento Veras, também da graduação, e Dayne Kelly Rodrigues Soares de Almeida, estudante de pós-graduação do curso de Linguística Aplicada (PosLA), formando, portanto, um grupo de 6 integrantes e 1 coordenadora.

Como o nome *Leia Mulheres: século XIX* indica, a iniciativa vincula-se – ainda que de maneira orgânica, não oficial – aos vários clubes de leitura especializados em produções de mulheres, isto é, os diversos *Leia Mulheres* que existem no Brasil desde 2015, quando Juliana Gomes teve a ideia de criar um clube de leitura focado na produção de mulheres. No *website* do referido clube<sup>6</sup>, as organizadoras (Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques) informam que foram impulsionadas pelo alcance tomado pela *hashtag* #readwomen2014, criada pela ilustradora inglesa Joanna Walsh em seu perfil do Twitter (hoje X), e que atualmente o clube funciona em mais de cem cidades (a grande maioria no Brasil, mas há também grupos voltados para a comunidade falante de português em Portugal, Alemanha, Singapura e Suíça).

O objetivo geral da nossa iniciativa, fiel à ideia de um *clube de leitura*, foi fomentar a leitura literária, proporcionando à comunidade uma atividade de lazer por meio da literatura. Paralelamente, o projeto sempre se colocou politicamente como estratégia de visibilidade para uma produção literária específica, aquela produzida por mulheres do século XIX. Isso se colocou como uma possibilidade de tornar públicas e democráticas algumas das discussões e mesmo *descobertas* feitas na academia nas últimas três décadas. Exemplar disso são os três volumes da antologia *Escritoras Brasileiras do século XIX*, organizados por Zahidé Muzart (1999,

---

<sup>5</sup> Sobre o processo de criação deste artigo: a escrita ficou por minha conta, professora Laísa Marra – motivo pelo qual utilizo a primeira pessoa no trecho acima. As demais autoras organizaram os dados que foram analisados, fizeram sugestões e elaboraram revisões.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

2000, 2009), e as reedições de muitas das obras ali mencionadas e que têm sido publicadas desde os anos 2000.

Por figurar como dicionário biobibliográfico de um vasto *corpus* a ser lido e estudado, a referida antologia (Muzart, 1999, 2000, 2009) colocou-se como pedra fundacional do grupo. Assim, apesar do amplo espectro sugerido pelo título do Clube, que poderia abarcar produções de diversas nacionalidades, desde cedo concordamos na importância de se focar na latino-americana, e especificamente brasileira, por considerarmos que as produções de países mais industrializados circulam melhor no mercado editorial, e portanto escritoras estadunidenses, inglesas, francesas do século XIX, por exemplo, têm mais possibilidade de serem apresentadas ao público do que as brasileiras ou argentinas. Dito de outro modo, o Clube nasce da inquietação de perceber que muito do conhecimento produzido na universidade nos últimos anos acerca da escrita das mulheres no Brasil e na América Latina, no geral, não circula suficientemente na sociedade como um todo e, portanto, ainda existe um senso comum segundo o qual as mulheres escreveram pouco ou nada durante o século XIX nesta parte do mundo.

Do ponto de vista dos Estudos Literários, compreende-se que, com a ascensão da crítica literária feminista, a partir da década de 1960, ganhou fôlego uma historiografia preocupada com a produção das mulheres. De acordo com Anette Kolodny (2017), a revisão da historiografia canônica começa, então, pelo 1) exame da relativa pouca quantidade de mulheres no cânone literário; pela 2) discussão dessa *grafia*, ou seja, pela problematização da escrita da história como um gesto parcial; e pela 3) compreensão de que, ao colocar algumas obras como balizadoras de critérios de valor, ou mesmo como modelos das características literárias de uma época, outras obras que fogem dessas características são invisibilizadas enquanto matéria de análise. De acordo com a autora, depois de uma crítica mais atenta aos estereótipos femininos na escrita de homens sobre mulheres (os trabalhos mais influentes dessa vertente foram os de Kate Millet, em *Sexual Politics* [de 1970], e de Mary Ellmann, em *Thinking about women* [1968]), tem início um movimento de "arqueologia literária" (Kolodny, 2017), com o objetivo de formar um arquivo de obras escritas por mulheres. Consideramos essa uma resposta contundente à questão "as mulheres produziram literatura no século XIX?".

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, esse movimento de *descoberta* e republicação aconteceu a partir da década de 1970, com o surgimento de pesquisas propriamente arquivísticas que desembocaram numa a) historiografia feminista da literatura e b) na formação de pequenas editoras que republicaram esses livros, e c) no desenvolvimento de uma crítica literária voltada para tais obras, procurando enxergá-las tanto em sua individualidade, como no estabelecimento de "tradições literárias distintas" da hegemônica, masculina (Kolodny, 2017).

No Brasil, em 1984, destaca-se a criação do GT *Mulheres na literatura*, na Anpoll (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Entre o final da década de 1970 e ao longo dos anos 1980 são criados o GT sobre Estudos da Mulher, na Anpocs; o Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM – PUC-Rio); o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim – UFBA); o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (Nielm - UFRJ); o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero

(Nemge – USP), entre outros (Duarte, 2019). Além desses marcos, cabe enfatizar a pesquisa coordenada por Zahidé Muzart sobre escritoras brasileiras do século XIX, que culminou na já referida publicação (cujo primeiro volume é de 1999) e na criação da Editora Mulheres, especializada na republicação de obras raras, especialmente romances, dessas escritoras oitocentistas. A consequência imediata é a possibilidade de reavaliação do que se conhecia sobre o Oitocentos na literatura brasileira.

Em termos da historiografia da literatura nacional, essas pesquisas impactam ou pelo menos têm a potência de impactar a maneira como temos visto um determinado período. O romance *A Rainha do Ignoto* (de 1899), da cearense Emília Freitas, ao se construir dentro da estética do fantástico e ao criticar o positivismo, é um exemplo de escrita que torna o final do século XIX um pouco mais multifacetado do que a ênfase nos romances naturalistas/realistas parece indicar (Cruz; Marra, 2022; Gomes, 2023). O mesmo pode ser dito em referência ao Romantismo, uma vez que a escrita de Maria Firmina dos Reis, tanto no romance abolicionista *Úrsula* quanto no conto indianista *Gupeva*, é estética e ideologicamente diferente do que temos como norma de narrativa romântica (Marra, 2020) – o que, no limite, se queremos compreender com profundidade um fenômeno literário, deveria obrigar-nos a enxergar essas correntes literárias de uma maneira mais panorâmica.

## Relato da experiência

Apesar de que o referencial teórico, a metodologia, os resultados esperados e o cronograma já tivessem sido elaborados em fevereiro, quando o projeto foi enviado para apreciação da PROEX, nos meses subsequentes, as integrantes trabalharam no sentido de escolher os primeiros livros a serem lidos, e de solucionar problemas da aplicação prática do projeto. Nesse sentido, foram discutidas estratégias de visibilidade do grupo e optou-se pela criação de uma conta em uma rede social (@leiamulheresseculoxixfortal). Esse perfil digital teve como função básica a divulgação de informações concernentes às datas e aos locais dos encontros, mas também se mostrou importante por reunir e divulgar informações sobre as escritoras e as obras a serem discutidas. Além disso, vale enfatizar que, apesar de o *corpus* com o qual lidamos ser de domínio público<sup>7</sup>, nem sempre ele é facilmente localizável.

Pelo contrário, em muitos casos, essas obras não fazem parte dos acervos das bibliotecas públicas. Notamos que é preciso ter certa expertise em pesquisas on-line para conseguir encontrar publicações de escritoras pouco conhecidas do século XIX, habilidade que não pode ser esperada de todas as pessoas que queiram participar do Clube; além do que, algumas vezes, essas obras simplesmente não estão disponíveis virtualmente, obrigando-nos a digitalizar o material e divulgá-lo com antecedência para o público interessado. Nesse sentido, gostaríamos de registrar que uma consequência não esperada do perfil virtual do Clube foi driblar esse obstáculo do acesso às obras ao atuar como uma biblioteca virtual de

---

<sup>7</sup> Como se sabe, no Brasil uma obra entra em domínio público após setenta anos contados do primeiro dia do ano subsequente da morte do/a autor/a.

escritoras do século XIX, o que foi feito por meio da disponibilização de uma pasta on-line (*Google Drive*) com acesso público e cujo *link* constava na biografia da página virtual do grupo.

No total, o Clube reuniu-se dez vezes, começando no dia 31 de maio de 2023, uma quarta-feira, com o livro de poemas *Cantos à beira mar*, publicado em 1871 pela escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (2017). Tanto nesse primeiro encontro como na maioria dos demais, o local escolhido foi a Biblioteca Estadual do Ceará (BECE)<sup>8</sup>, no centro de Fortaleza. Inicialmente, a ideia era que o Clube tivesse um caráter itinerante, ocupando diversos espaços culturais na cidade, porém a acolhida da Biblioteca superou nossas expectativas ao ajudar na divulgação dos encontros, proporcionar um espaço muito confortável para as conversas, além de ser um local acessível tanto do ponto de vista do deslocamento urbano como do atendimento às pessoas com deficiência. No primeiro encontro, a maioria dos participantes afirmou que nunca tinha entrado nessa Biblioteca anteriormente. Considerando que a BECE havia passado por um longo período de reforma, que custou mais de 21 milhões de reais e que terminou em agosto de 2021 (BECE, 2021), quando o prédio foi reinaugurado, apresentando um ótimo acervo, instalações bonitas e funcionais, e programação intensa, julgou-se que manter o Clube na BECE seria um modo de ocupar o espaço e incentivar esse tipo de lazer<sup>9</sup>. Assim, motivadas pelo entusiasmo geral com o espaço, decidimos pela permanência das reuniões na BECE.

O primeiro encontro contou com a participação de 11 pessoas. A dinâmica consistiu na apresentação dos objetivos do grupo e de uma breve apresentação individual de cada uma das pessoas presentes, todas sentadas em círculo. A maioria já tinha conhecimento prévio sobre Maria Firmina dos Reis e de seu romance *Úrsula*, mas não conheciam os poemas que estávamos lendo na ocasião. A escolha por *Cantos à beira-mar* como leitura inicial se deu por considerarmos que a obra poética de Firmina dos Reis (2017), apesar de sua qualidade, era muito pouco conhecida; e porque pensamos que esse conjunto de poemas trazia uma diversidade de temáticas que poderia provocar positivamente o debate.

Levamos os poemas *Uma lágrima* e *O meu segredo* impressos, porque foram os que mais chamaram a atenção das organizadoras (coordenadora e integrantes) em reunião on-line realizada previamente. A ideia tanto nesse encontro quanto nos subsequentes era ter repertório para guiar a discussão nos momentos de silêncio ou timidez geral, mas essa preocupação se mostrou infundada, já que a participação foi intensa, atingindo nosso objetivo principal. Nesse primeiro dia, as pessoas escolheram livremente os poemas que queriam ler em voz alta, dando destaque àqueles que falavam da relação entre um sujeito lírico feminino e sua mãe, bem como àqueles em que o grupo julgou compreender a expressão de um amor homoerótico entre duas mulheres. Consideramos que o encontro foi satisfatório, dado o entusiasmo das pessoas participantes que, além disso, disseram ter gostado da leitura proposta. Vale dizer que o público achou ruim a ideia de a reunião

---

<sup>8</sup> Gostariamos de registrar nosso agradecimento aos funcionários da BECE, principalmente Ana Karine Martins Garcia e Suel Silva (integrante do grupo que, na época, atuava na biblioteca e que fez a sugestão desse lugar).

<sup>9</sup> Ainda assim, a reinauguração aconteceu de maneira restrita, atendendo apenas 50% de sua capacidade em conformidade às práticas sanitárias decorrentes da pandemia de COVID 21 (Bece, 2021).

acontecer durante a semana (era uma quarta-feira à tarde), sendo proposta a mudança para o sábado, o que de fato aconteceu.

O segundo encontro ocorreu no dia 24 de junho, reunindo 15 pessoas. O livro escolhido foi *Ánsia eterna*, publicado em 1903, por Júlia Lopes de Almeida (2019a). A autora era superficialmente conhecida por uma minoria dos participantes, que sabia do fato de Lopes de Almeida ter tido a participação vetada na Academia Brasileira de Letras, mesmo tendo contribuído com a sua criação. A maioria dos participantes, contudo, comentou nunca ter ouvido falar da autora. Os contos destacados pelo público foram *A rosa branca*, *O caso de Ruth*, *Os porcos*, *As rosas*. Com exceção do primeiro, notamos que os contos que foram comentados tematizam questões de violência contra a mulher, aspecto esse destacado pelo público, que, a propósito, enfatizou o "pioneirismo" da autora em tratar desses temas. Exemplar dessa discussão foi *O caso de Ruth*, em que o enredo trata com sensibilidade as complexidades da violência sexual no ambiente doméstico. O conto *As rosas* foi lido na íntegra, por ser mais curto, e foi muito bem recebido. *Os porcos* gerou certa polêmica por tematizar infanticídio e por sua estética afim ao grotesco. A autora foi elogiada e, assim como no caso de Maria Firmina dos Reis, houve muitos comentários no sentido de que ela deveria ser "mais lida" e "lida na escola".

Depois de passar por dois gêneros literários cujas extensões são relativamente mais curtas (o poema e o conto) e que possibilitaram leituras na íntegra durante o momento do encontro – como, aliás, fizemos –, pensamos que já tínhamos um contato melhor estabelecido com nosso público e, portanto, já podíamos propor explorar um gênero que envolve mais tempo de leitura: o romance. O terceiro e quarto encontros trataram de *A rainha do ignoto*, o romance publicado em 1899 pela cearense Emília Freitas (2003), e aconteceram, respectivamente, nos dias 29 de julho e 26 de agosto de 2023. No dia 28 de julho, a Biblioteca Estadual do Ceará fez um post em sua conta na rede social Instagram (@bece\_bibliotecaestualdoceara) com um vídeo divulgando o romance, informando que a obra fazia parte do acervo da biblioteca e que ela seria discutida ali no dia seguinte pelo clube *Leia Mulheres: Século XIX*.

Consideramos que essa divulgação virtual feita diretamente pela biblioteca, somada ao fato de Emília Freitas ter nascido e atuado no Ceará ajudou a atrair o público para os encontros, porém partimos da hipótese de que já havia curiosidade com relação ao enredo de *A rainha do ignoto*, cuja protagonista é líder de uma utópica e poderosa sociedade liderada por mulheres. Grande parte dos presentes afirmou já ter ouvido falar da autora e do romance, porém a única leitura prévia era de uma ex-estudante da UECE que fez monografia sobre a obra. No dia 29 de julho estavam presentes 21 pessoas, no dia 26 de agosto, 10 pessoas. As discussões foram interessantes, passando do nível estritamente temático para o formal. Comentou-se, por exemplo, sobre a construção do protagonista masculino, considerado inosso e fraco, como se a voz narrativa, de algum modo, o ridicularizasse ou desprezasse. No entanto, a questão mais debatida foi o final do romance, em que a protagonista se mata. A grande maioria das pessoas que se expressaram a respeito julgaram esse final ruim e inesperadamente decepcionante – o que, aparentemente, se deu pela empatia sentida pelas/os leitoras/es com relação à protagonista, considerada "forte".

Aqui cabe apontar que, na discussão deste e dos demais romances com os quais trabalhamos, observou-se que boa parte dos participantes relatava, no primeiro encontro, não ter conseguido finalizar a leitura completa do livro, principal motivo pelo qual todos os romances lidos ao longo dessa experiência foram debatidos em dois encontros.

No dia 27 de agosto, o Clube propôs uma intervenção num cursinho pré-vestibular, o Academia Enem, uma iniciativa da Prefeitura de Fortaleza, realizada pela Secretaria Municipal da Juventude, que visa preparar gratuitamente estudantes do ensino médio para o ingresso em instituições de ensino superior. Os encontros acontecem mensalmente no Ginásio Paulo Sarasate e, além de aulas sobre os conteúdos que estão no programa do Exame Nacional do Ensino Médio, a programação do evento conta com a denominada Sala Interativa, local onde os estudantes têm acesso a jogos, pintura e rodas de conversa. O evento foi divulgado em nossas redes, mas era necessário fazer inscrição prévia no cursinho – motivo pelo qual descrevemos essa experiência, abaixo, mas não a contamos como reunião habitual do Clube. O público era exclusivamente feito por jovens estudantes de ensino médio. De todo modo, mantivemos a mesma dinâmica adotada no clube, evitando transformar a conversa numa "aula". Apresentamos os objetivos do *Leia mulheres: século XIX*, divulgamos nossa rede social, com informações sobre os encontros, e passamos ao texto literário. Lemos em voz alta o conto *As rosas*, de Júlia Lopes de Almeida, previamente escolhido por nós por considerá-lo esteticamente atraente, com uma temática socialmente relevante, e com extensão adequada para um encontro breve (2 horas no máximo). O conto foi distribuído impresso aos presentes, e provocamos a discussão com base em questões gerais, do tipo "quem gostou? Quem não gostou? Por quê?" etc. O ambiente não favoreceu tanto o diálogo, porque a sala era compartilhada com outras atividades, então havia ruído que dificultava a concentração e, conseqüentemente, a necessidade de usar o microfone (o que, para muitos, é intimidador). Apesar desses empecilhos, a qualidade do debate foi satisfatória, havendo participação crítica por parte do público (formado por aproximadamente 20 pessoas<sup>10</sup>), interesse pelos temas debatidos, e curiosidade com relação à escrita da autora.

No quinto encontro, ocorrido no dia 7 de outubro, discutimos o romance *A falência*, publicado em 1901 por Júlia Lopes de Almeida (2019b). Estavam presentes 15 pessoas. A autora já era conhecida do público, pois havíamos lido seu livro de contos em junho – ocasião, inclusive, em que esse romance foi mencionado e proposto para apreciação. Falou-se sobre a técnica cinematográfica de descrição da paisagem carioca no começo da narrativa. Sobre a representação de personagens femininas ousadas ou progressistas, como a protagonista adúltera Camila; e a personagem secundária Catarina, aberta defensora dos "direitos das mulheres". Um participante leu um trecho que tratava de Sancha, uma menina negra, em que ela era representada de maneira racista e estereotipada. Essa leitura provocou uma discussão sobre a presença do racismo na perspectiva autoral de Lopes de Almeida, e na sociedade brasileira como um todo, especialmente no período pós-Abolição em que se passa o enredo do romance (1891). Nesse âmbito, foi mencionada outra personagem secundária negra, Noca, empregada da casa dos protagonistas. Discutiu-se sobre o seu status na casa, sua função no enredo, e uma participante afirmou que ela incorporava o estereótipo racista da *mammy*, numa alusão a personagens femininos e negros da cultura estadunidense

---

<sup>10</sup> Havia outras atividades acontecendo, portanto, houve certa rotatividade dos participantes.

(foi citada, como exemplo, a personagem representada por Hattie McDaniel em *E o vento levou*).

O sexto encontro do Clube, no dia 28 de outubro, continuou o debate sobre *A falência*. Nessa ocasião, falamos principalmente sobre o final do romance, em que o protagonista masculino se mata devido à falência de seus negócios. Debateu-se o conceito de falência no livro – em termos econômicos e morais. O final do enredo foi lido em voz alta e – à luz das discussões feitas sobre a protagonista feminina, as reviravoltas e descobertas que viveu depois da morte do marido – houve divergências de interpretação desse final: se uma espécie de *happy end*, ou uma punição. Houve menção ao debate feito anteriormente sobre o final de *A rainha do ignoto*, que também gerou divergência entre leitoras/es do Clube, o que consideramos muito positivo na medida em que o público mostrou ter adquirido repertório para traçar relações entre diferentes autoras oitocentistas.

O último encontro de 2023 – sexto do Clube –, aconteceu em 16 de dezembro de 2023. Estiveram presentes 11 pessoas. Como não havíamos saído do contexto literário brasileiro, decidiu-se pela inserção de uma autora argentina. A escolhida foi Juana Manuela Gorriti (2017). Essa escolha se deu por ela ser uma das principais autoras argentinas do século XIX, com uma obra vasta que, ademais, foi publicada não somente na Argentina como também no Peru. As integrantes do Clube apresentaram a biografia da autora, que era desconhecida por todos os presentes, mencionando o fato de sua trajetória pessoal ter se misturado muito intimamente a importantes conflitos vividos na Argentina e na Bolívia durante o Oitocentos, aspecto esse tematizado em seus contos. Destes, lemos uma coletânea publicada no Brasil em 2017. Até onde se sabe, é a primeira e, até agora, única coletânea de contos da autora que circula traduzida no Brasil. Como não consideramos acessível propor a leitura em espanhol, optamos por essa antologia. Nesse ponto cabe explicitar que um dos motivos por termos nos centrado em autoras brasileiras durante a experiência do Clube foi justamente a questão da acessibilidade linguística. Infelizmente a produção de autoras hispano-americanas do século XIX ainda é pouco traduzida para o português.

O público mencionou a dificuldade de compreender algumas menções históricas feitas nos contos; e, por outro lado, o prazer proporcionado pela escrita da autora, que opera com as estéticas do fantástico e do gótico. Lemos em voz alta alguns trechos do conto *Emparedado*, publicado originalmente em 1876 no livro *Panoramas de la vida* (sem tradução para o português).

Em 2024 começamos com encontros on-line devido a uma necessidade de reestruturação do Clube, que deixava então de ser um projeto de extensão da UECE. A experiência com o modelo virtual de encontro aconteceu nos dias 29 de fevereiro e 28 de março (sétimo e oitavo encontros), quando discutimos o romance *Lésbia*, publicado em 1890 por Maria Benedita Bormann (2021) (conhecida também pelo pseudônimo Délia). As integrantes julgaram que, por ser um evento on-line, seria necessário mudar o dia do encontro, que sairia do sábado e iria para um dia no meio da semana (às quintas-feiras). Essa decisão se baseou na impressão de que esse novo formato sugeria praticidade, rapidez e facilidade de acomodação em diferentes rotinas, portanto caberia melhor na agenda de trabalho e estudo que costuma acontecer no meio da semana. No primeiro dia, estiveram



presentes 9 pessoas, no segundo dia foram apenas 5 pessoas – acreditamos que essa menor adesão se deu, em grande parte, porque 28 de março era véspera de feriado.

Em todo caso, está claro que os encontros on-line contaram com menor participação do que os presenciais. Conjectura-se, nesta reflexão, que isso pode se dar pelo fato de que a atividade de leitura coletiva a que se propõe o Clube é mais prazerosa nas trocas feitas de maneira presencial. Essa experiência com o modo virtual reforçou que um dos objetivos do grupo é, de fato, a oferta de uma atividade de lazer. Em nossa perspectiva, enquanto proposta de lazer, o encontro presencial promoveu melhor, em comparação com o virtual, as trocas afetivas, os comentários feitos de maneira descontraída, os vínculos sociais. Cabe destacar que, em conformidade com o que se experimentou durante a pandemia – em termos de cansaço em estar diante das telas por tempo superior a 1 hora, encurtamos o tempo dos encontros on-line, que duraram 1 hora – o que é, além disso, o tempo limite disponibilizado pela plataforma escolhida (*Google Meet*). A título de comparação, apontamos que os encontros presenciais geralmente têm duração de 2 horas (às vezes um pouco mais que 2h, sendo que 1h30 foi o mínimo registrado).

Voltando ao conteúdo das discussões sobre *Lésbia*, a principal divergência nessas conversas se deu em torno da protagonista, considerada pela maioria como antipática. Outras pessoas argumentaram que ela era, na realidade, uma mulher autoconfiante. Falou-se também sobre a arquitetura do romance, e foi criticada a maneira como alguns personagens somem ou são introduzidos no enredo. Por fim, enfatizamos que, mais uma vez, a cena de suicídio da protagonista apareceu-nos, levantando o debate sobre a recorrência desse tipo de final quando se trata de uma protagonista que tem agência na narrativa – a comparação foi, é claro, *A rainha do ignoto*, livro discutido anteriormente e conhecido pelo grupo que estava na reunião.

Por fim, no dia 4 de maio, um sábado, o Clube voltou à BECE para uma reunião presencial, quando se discutiu *Eroteida*, o único conto da escritora argentina Raimunda Torres y Quiroga (2023) que está traduzido para o português. Foi feita uma breve apresentação da autora e dos estudos recentes que, na Argentina, têm se ocupado de trazer visibilidade para sua vasta obra, boa parte publicada sob pseudônimo. *Eroteida* foi lido em voz alta por uma das participantes. As/os demais levantaram a questão do feminicídio, que é tematizado no conto, e da dificuldade de falar sobre isso no século XIX quando o crime não havia sido tipificado. Focou-se na psicologia do personagem principal, feminicida e narrador do enredo. Dada a atmosfera fantástica do conto, entre outros motivos, um participante levantou a hipótese de que a mulher era uma criação da mente do protagonista. Discutiu-se essa hipótese, porém a maioria dos presentes argumentou que a possível impressão de não-existência da personagem dizia respeito à sua invisibilidade social, já que seu assassinato ficou impune. O debate aprofundou-se com releituras de partes específicas do conto. No total, o público nesse dia foi composto por 16 pessoas, as quais se mostraram entusiasmadas com a escrita de Torres y Quiroga.

## Considerações finais

Em lugar de uma conclusão, gostaríamos de sublinhar alguns pontos do que foi relatado acima. Em primeiro lugar, dado que a maioria dos participantes que passou pelos encontros era proveniente da mesma instituição de ensino superior, foi notória a dificuldade encontrada pelas organizadoras de abranger um público mais amplo, como pretendido. Essa falta de diversidade da procedência dos participantes se refletiu na homogeneidade dos participantes em termos de idade (em sua maioria, com idade entre 18 e 35 anos), e intimidade prévia com a leitura literária. Enfatizamos, portanto, a necessidade de se planejar com mais atenção estratégias de divulgação. Conjecturamos, por exemplo, que uma divulgação do Clube em mídias tradicionais (rádio, jornal) poderia ter auxiliado a enfrentar esse obstáculo.

Outro obstáculo foi a questão do suporte de leitura. Ainda que as organizadoras disponibilizassem PDFs dos textos propostos, a falta desses livros nas bibliotecas públicas foi um problema comentado por alguns participantes, os quais relataram preferir o suporte tradicional (livro) ao digital (telas). Some-se a isso a já mencionada dificuldade de se encontrar traduções, em português, de obras de autoras hispano-americanas do século XIX. Na verdade, há certa dificuldade até mesmo de encontrar essas obras em seu idioma original (espanhol). Isso não quer dizer, é claro, que não existam traduções e republicações, apenas que o processo é recente e se dá timidamente. De todo modo, três das autoras que pré-selecionamos para ler em 2024 são hispano-americanas que têm romances republicados recentemente no Brasil. São elas a argentina Juana Manso (2014; 2022), que inclusive viveu e publicou no Brasil entre 1842 e 1853, a peruana Clorinda Matto de Turner (2019), e a hispano-cubana Gertrudis Gomez de Avellaneda (2024), cujo romance *Sab* acaba de ter sua primeira edição em português, publicada em janeiro deste ano pela editora Pinard. São avanços inegáveis do mercado editorial, mas a questão da acessibilidade continuará sendo um obstáculo até que esses livros cheguem às bibliotecas públicas.

De todo modo, concluímos que a experiência do Clube foi positiva ao oferecer uma atividade de lazer que se mostrou prazerosa, especialmente nos momentos de descontração quando se falava com humor sobre as personagens, quando se liam trechos em voz alta, e quando havia divergência de opinião entre as/os participantes. Além disso, a recorrência da presença das/os participantes, isto é, a fidelização do público, nos permite afirmar que houve, de fato, qualidade na experiência.

Nesse sentido, cabe enfatizar um dado que foi mencionado acima, no relato, e que diz respeito às associações que foram traçadas pelas/os participantes entre diferentes escritoras oitocentistas. Ao serem apresentados/as a outro repertório de escrita do século XIX, que não aquele mais comumente conhecido desde a escola (e que se concentra na autoria masculina), foi possível enxergar outras estratégias de construção de personagem, outra condução das temáticas do amor, da morte, do sucesso etc.

A título de exemplo, vemos ênfase no desejo sexual feminino (*Lésbia* e *A falência*); fortes vínculos de amor entre mulheres (*Cantos à beira-mar*, *A rainha do ignoto*); uma centralidade da busca por poder (intelectual, econômico e/ou sobrenatural) na construção da personagem feminina (algo notável em todas as narrativas); a discussão mais objetiva sobre o assassinato como um desfecho comum para as mulheres no âmbito doméstico (*A falência*, *Eroteida*, *As rosas*); o amor e/ou o casamento não se colocando como o objeto a ser conquistado pela protagonista feminina (*Lésbia*, *A rainha do ignoto* e *A falência* – cada um a seu

modo); os jogos de poder e impunidade envolvidos na exploração sexual (contos de *Ânsia eterna*); o suicídio como ato racionalizado das protagonistas que chegam ao limite das possibilidades de desenvolvimento intelectual (*Lésbia, A rainha do ignoto*). Em suma, percebemos uma complexificação do campo literário oitocentista – especialmente o brasileiro, que foi o mais lido.

Espera-se que com a continuação do Clube seja possível aumentar o público e diversificar o perfil de leitoras/es da produção de autoras do século XIX. Paralelamente, ambiciona-se aumentar o escopo geográfico de obras lidas, ainda com foco na América Latina, mas incluindo-se publicações de outros países que não somente Brasil e Argentina. Por fim, cabe mencionar a institucionalização de outro projeto de extensão, sob minha orientação, com a mesma proposta e intitulado *Leia mulheres latino-americanas*, feita em abril de 2024, dessa vez na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

## Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia eterna**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019a.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A falência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

AVELLANEDA, Gertrudis Gomez de. **Sab**. Trad. Ellen Maria Vasconcellos. São Paulo: Pinard, 2024.

BECE. BECE foi inaugurada nesta quinta-feira (12/08). **BECE notícias**. Fortaleza, 12 ago. 2021. Disponível em: [https://bece.cultura.ce.gov.br/bece\\_reinaugurada/](https://bece.cultura.ce.gov.br/bece_reinaugurada/) Acesso em: 22 maio 2022.

BORMANN, Maria Benedita (Délia). **Lésbia**. São Paulo: Editora 106, 2021.

CRUZ, Rochelle Sales; MARRA, Laísa. O fantástico e o gótico em *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas. **Signótica**, Goiânia, v. 34, p. e73099, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/73099>. Acesso em: 29 ago. 2024.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FREITAS, Emília. **A rainha do ignoto**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

GOMES, Pamela Maria de Lima. **Fantástico e utopia em A rainha do ignoto: uma crítica ao patriarcado brasileiro oitocentista**. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras), Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

GORRITI, Juana Manuela. **Contos**. Organização: Artur Emílio Alarcon Vaz, Daniele Corbetta Piletti, Joselma Noal. 1 ed. São Paulo: LiberArs, 2017.

KOLODNY, Annette. Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

MARRA, Laísa. **A narrativa de Maria Firmina dos Reis: nação e colonialidade**. 191 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários)– Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

MANSO, Juana. **Misterios del plata**. Romance histórico contemporâneo. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2014.

MANSO, Juana. **A família do comendador**. São Paulo: Pinard, 2022.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999; 2004; 2009. 3 v.

QUIROGA, Raimunda Torres y. **Eroteida**. Trad. Daniele Ap. Pereira Zaratín. Revista *Abusões*, Rio de Janeiro, n. 21, ano 9, 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Cantos à beira-mar**. Organização: Dilecy Aragão Adler, Oswaldo Gomes. São Luís: Ed. Academia Ludovicense de Letras, 2017.

TURNER, Clorinda Matto de Turner. **Aves sem ninho**. Trad. Roseli Barros Cunha. Curitiba: Editora CRV, 2019.

Recebido em 22 de maio de 2024  
Aceito em 6 de setembro de 2024